

RECADO DE PARIS

PARIS, fevereiro — Deve ter aparecido na íntegra no "Estado de São Paulo", a conferência que o nosso confrade Paulo Duarte fez aqui em Paris, na sessão solene comemorativa do centenário de Ruy Barbosa.

Apesar disso, destaco um trecho para o comentário dos leitores:

"A tese que ele defendeu (na conferência de Buenos Aires)... e sua conclusão, isto é, que "entre o Direito e o crime não pode haver neutralidade" tiveram uma repercussão universal e contribuíram para decidir os Estados Unidos a entrar na guerra quase imediatamente."

Mas acredito ser mais interessante este outro trecho, onde o conferencista explica o fato de Ruy não ter chefiado a delegação brasileira em Versalhes:

"Mas o nome de Ruy foi recusado, não pela França ou pela Inglaterra que, desta vez, lhe deram apoio, mas pelos Estados Unidos que, em 1918, começavam por sua vez a sonhar o sonho enganador de que as armas materiais são mais eficazes que as armas espirituais. O ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil recebeu, assim, a notificação, em termos velados, de que Ruy estava demasiado velho para tomar uma tal responsabilidade: um homem jovem corresponderia melhor à situação e à jovem equipe de Wilson. E o Brasil, ao que parece, submeteu-se a essa humilhação imposta pela possibilidade, para os Estados Unidos, de se tornarem no futuro o maior dos grandes. Seria perigoso, se Ruy conseguisse levar a Versalhes sua doutrina hostil à supremacia das armas sobre a Inteligência. Mas, desgraçadamente, não o povo, mas os homens de negócios americanos já começavam a sonhar com uma influência mais concreta e decisiva na Europa..."

* * *

Os jornais de Paris tratam com ironia e ternura — mais ternura que ironia — o romance de Ingrid Bergman, a antiga "ninha do coração fiel" hoje "mãe desconhecida do filho de Roberto Rossellini".

Os franceses se escandalizaram menos com a história do que com o fato de algumas cidades norte-americanas terem resolvido sabotar os filmes da bela sueca. Mas às vezes os jornalistas de Paris abusam um pouco do gosto pelos títulos estranhos. Como este, posto em um telegrama em que se falava do nascimento do garoto: "O filho de Jeanne D'Arc"...

18. 2. 50

R. B.